



MANUAL DE CHAMAS

Os Que Arderam na Escuridão Cósmica
uma galeria de faróis para quem tateia a caverna de sombras

HANS FREE

uma fagulha dos Ensaios do Silêncio

Antes de Acender

Um cliente me perguntou, certa vez, se existe algum manual para se viver a vida, e eu lhe disse a verdade: não existe! E disse mais, que desconfio profundamente de quem promete ter escrito algum manual de “verdades”. Não há instruções, não há um passo a passo, não há uma fórmula que transforme a existência num problema resolvido, porque viver não é um problema a ser resolvido, é um mistério a ser habitado. Disso eu tenho firmeza, e mantenho, porque é isso o que quer cantar o meu corpo, sob o pulsar do meu coração.

Mas no mesmo instante em que confirmei a ausência do manual, percebi que havia algo a acrescentar, e é desse acréscimo que nasce este pequeno fragmento. Pois se não há um manual, houve, ao longo de toda a história, seres humanos que estiveram à frente do seu tempo, que desenvolveram uma consciência mais larga, mais funda, mais desperta que a dos seus contemporâneos, e que por isso mesmo se tornaram outra coisa, não manuais, mas faróis, não instruções, mas testemunhos, não verdades mas canções. E há uma diferença abissal entre um manual e um testemunho. O manual ensina a fazer. O testemunho apenas prova que é possível Ser. Um te diz o caminho. O outro apenas acende uma luz no fim dele, e te deixa a liberdade, e o peso, de caminhar.

Este instrumento, portanto, não é um manual, ainda que carregue a palavra no título como quem carrega uma provocação, e não é uma enciclopédia, e não é um cânone definitivo. É uma fogueira. É uma reunião Seres Humanos que, em diferentes épocas e diferentes

cantos do mundo, recusaram os atalhos fáceis da obediência cega e do conformismo, e que pagaram, quase todos, um preço alto por essa recusa, o exílio, o cárcere, a cruz, a fogueira literal, o esquecimento. O que os une não é a concordância entre si, pois muitos discordariam ferozmente uns dos outros, é o fato de terem exercido aquilo que aqui chamamos de Trabalho Vivo, o esforço custoso e voluntário da mente e do coração que se recusam a dormir. Mas uma coisa é certa, todos eles concordavam com o respeito ao Cosmos, respeito a vida e respeito a vida humana.

Reuni-os em ordem histórica, do Egito profundo até os nossos dias, e sobre cada um escrevi não uma verbete frio, mas uma pequena chama de palavras, porque cada um deles merece ser sentido, e não apenas catalogado. Comecei no mito, com Hermes, porque é do mito que a história nasce, e termino no presente, com vozes ainda vivas ou recém-apagadas, porque a fogueira não se fechou, ela continua aceitando lenha. Faltam muitos, e isso é inevitável e até desejável, porque nenhuma fogueira contém todo o fogo do mundo. Estes são os que encontrei na minha caminhada e escolhi, e cada escolha foi pesada.

Que este Manual de Chamas seja, então, o que um manual jamais poderia ser, não um conjunto de ordens, mas uma lanterna, como a de Diógenes, acesa em pleno dia, à procura não de um homem verdadeiro lá fora, mas daquele que dorme, à espera, dentro de quem agora lê. A escuridão é real, a caverna de dados dispersos em que tateamos é real, mas a luz também é, e ela tem nomes. Os nomes estão nas páginas seguintes. A chama, essa, é você.



OS ACESOS



Hermes Trismegisto

O Limiar — a chama que não tem rosto (figura mítica)

Começamos no mito, e começamos nele de propósito, porque é do mito que nasce tudo o que depois se torna história, e porque o primeiro nome desta fogueira não precisa ter existido como homem para ter ardido como verdade. Hermes Trismegisto, o três vezes grande, é a fusão do Thoth egípcio, deus da escrita, da medida e da sabedoria, com o Hermes grego, mensageiro entre os mundos, e dessa soldadura nasceu, no caldeirão helenístico de Alexandria, a figura a quem se atribuiu o Corpus Hermeticum e a Tábua de Esmeralda. Foi o sacerdote e historiador Manetón, no século III antes de Cristo, quem costurou esse mito à história ao afirmar ter traduzido para os gregos textos gravados em colunas de pedra pelo próprio primeiro Hermes, preservadas, dizia a tradição, após um grande cataclismo, e é por essa ponte frágil e luminosa que a sabedoria do Egito profundo chega até nós.

Sua doutrina central, o princípio da correspondência, que o que está embaixo é como o que está em cima, é a coluna invisível sobre a qual todo este instrumento se apoia, porque ela afirma, milênios antes de qualquer telescópio ou microscópio, que o cosmos é uma só teia viva e que o ser humano é o espelho do todo, microcosmo que reflete o macrocosmo, gota que carrega o desenho inteiro do oceano. Hermes não passa no teste que aplicamos aos demais, o da vida tornada argumento, porque não houve vida, houve apenas a invenção de um arquétipo. Mas é justamente por não ter rosto que ele pode ser o rosto de todos, a fagulha original e anônima da qual as chamas históricas que se seguem são apenas as faíscas visíveis. Honramos a sua natureza lendária sem disfarce, porque a honestida-

de sobre o mito é o que lhe dá nobreza, e porque toda fogueira precisa de um fogo que ninguém acendeu. E um dado de suma importância, hoje, mais do ontem, com as descobertas da física quântica, dos grandes telescópios e o do Grande Colisor de Hádrons, essas ideias herméticas milenares ganharam ainda mais força.

Imhotep

O Polímata (c. 2650 a.C.)

Antes de Hipócrates, antes de Pitágoras, antes que a Grécia sequer existisse como ideia, houve no Egito da Terceira Dinastia um homem que reuniu numa só mente a engenharia, a medicina, a astronomia e a escrita, e cujo nome a história não deixou apagar. Imhotep foi o vizir e arquiteto do faraó Djoser, o construtor da Pirâmide de Degraus de Saqqara, o primeiro monumento de pedra cortada que a humanidade ergueu para desafiar o tempo, e foi também o médico cujos métodos racionais de observação e tratamento o tornaram, séculos mais tarde, o patrono dos que sofriam. O decisivo, para esta fogueira, não está em seus títulos, mas no que aconteceu com a sua memória.

Imhotep foi um dos pouquíssimos plebeus da história egípcia a ser elevado à condição de deus depois da morte, divinizado não pelo sangue, não por nascer faraó, mas pela obra, pela grandeza de uma mente que pareceu sobre-humana aos olhos de seus contemporâneos. Quando os gregos chegaram ao Egito, associaram-no a Asclépio, o deus da cura, e nos textos herméticos Asclépio aparece como o discípulo mais próximo de Hermes Trismegisto, de modo que o Imhotep histórico se tornou a base de carne e osso de um dos persona-

gens centrais do hermetismo. Ele é, portanto, a primeira chama humana deste instrumento, e a prova mais antiga de uma das nossas teses, a de que a grandeza não se herda, se forja, e que um homem comum, pela inteireza do que faz e pensa, pode tornar-se farol para milênios.

Akhenaton

A Ruptura do Sol (c. 1380 a.C. – 1335 a.C.)

Akhenaton foi o primeiro ser humano de quem temos registro documentado a fazer aquilo que esta fogueira inteira celebra, romper com o seu próprio tempo. Faraó do Egito, herdeiro de um sistema religioso milenar sustentado por um clero poderosíssimo, ele fez o impensável, aboliu o panteão dos muitos deuses e o poder das elites sacerdotais que viviam dele, e proclamou um único princípio, Aton, o disco solar, a luz que tudo alcança e que sustenta a vida sem discriminação de raça, de classe ou de fronteira.

Sua cosmologia, que sobreviveu no Grande Hino a Aton, apontava para um deus que não exigia sacrifícios sangrentos nem castas intermediárias, mas autoconhecimento e domínio de si, e estabelecia o amor à vida como lei fundamental do universo. A revolução de Akhenaton foi soterrada logo após a sua morte, seus monumentos foram destruídos, seu nome foi raspado das pedras pelos sacerdotes que ele havia desafiado, e a história quase o esqueceu por inteiro. Mas é exatamente esse o destino recorrente das nossas chamas, serem apagadas pelo poder que incomodam e ressurgirem milênios depois, e a sua ousadia de imaginar uma unidade simbólica para toda a criação, contra o tribalismo religioso de sua época, faz dele o profeta

inaugural deste manual, o homem que olhou para o Sol e enxergou nele não um privilégio do faraó, mas uma herança de todos.

Lao Tsé

O Fluxo (c. Século VI a.C. – V a.C.)

Lao Tsé, o velho mestre, talvez não tenha sido um único homem, mas a voz dele atravessou os séculos como poucos, condensada nos versos enigmáticos do Tao Te Ching, e o que ele nos legou foi uma sabedoria do fluxo, a percepção de que o universo se move segundo um caminho, o Tao, que não pode ser nomeado sem ser traído, e que a maior força do ser humano não está em dominar esse caminho, mas em escutá-lo e nele se deixar conduzir. Onde o Ocidente aprenderia a venerar a ação, a conquista e o controle, Lao Tsé ensinou o valor do não-agir, do vazio fértil, da água que vence a rocha não pela dureza, mas pela paciência e pela entrega.

Sua contribuição mais aguda para os nossos dias é o alerta contido na dança das polaridades, o Yin e o Yang, porque ele percebeu, vinte e cinco séculos antes da neurociência, que existe um equilíbrio dinâmico entre os modos da existência, e que a hipertrofia de um deles adoece o todo. A civilização que sufoca o Yin, a escuta, o silêncio, o acolhimento, o repouso, e cultua o Yang em estado de delírio, a ação cega, a expansão sem limite, o controle instrumental de tudo, essa civilização caminha para a tirania e para a doença da mente, e basta olhar ao redor para reconhecer no diagnóstico do velho mestre o retrato exato da máquina que nos consome. Lao Tsé é a chama que arde baixa e constante, a que lembra que há sabedoria no que recua, e que nem toda luz precisa ofuscar para iluminar.

Siddhartha Gautama, o Buda

O Desperto (c. 563 a.C. – 483 a.C.)

Príncipe criado entre muros que o protegiam de toda dor, Siddhartha Gautama atravessou um dia os portões do palácio e viu o que lhe haviam escondido, a velhice, a doença e a morte, e essa visão o arrancou de uma vida inteira de privilégio e o lançou na maior das buscas, a de compreender, sem deuses e sem dogmas, apenas pela razão e pela experiência direta, a raiz do sofrimento humano. Sentou-se sob uma árvore e dela não se levantou até despertar, e o que descobriu não foi uma religião, foi um mapa, as quatro verdades e o caminho que delas decorre, uma anatomia clínica da dor e da sua possível extinção.

Buda rompeu com as fronteiras rígidas do sistema de castas da Índia antiga ao afirmar que o despertar não depende de nascimento, de sangue ou de ritual, mas do trabalho interior de qualquer ser, e fundou assim uma das verdades morais mais radicais que a humanidade já formulou, a da compaixão universal, o Karuna, a Metta. Ensinou que a separação entre os indivíduos é uma ilusão, que o eu isolado e blindado é uma ficção dolorosa, e que ferir o outro é ferir o próprio tecido do real, do qual todos somos fios. Para este instrumento, Buda importa também por uma razão que percorre todas as páginas seguintes, a de que a transformação está sempre aberta, que nenhum ser humano está condenado por sua origem ou por seu passado, e que o despertar, por mais distante que pareça, é uma possibilidade inscrita em cada um de nós, esperando apenas que paremos de fugir e nos sentemos, enfim, debaixo da nossa própria árvore.

Confúcio

A Virtude Cultivada (551 a.C. – 479 a.C.)

Num tempo de guerra entre reinos e de colapso da ordem, Confúcio não pregou a revolução nem a fuga do mundo, pregou algo aparentemente mais modesto e, no fundo, mais difícil, o aperfeiçoamento ético de cada ser humano como fundamento de toda harmonia possível. Para ele, a sociedade justa não se impõe de cima pela força bruta dos governantes, ela se irradia de baixo, a partir do cultivo interno da virtude, da educação, da sinceridade e do respeito, de modo que um país só é decente quando as suas casas são decentes, e uma casa só é decente quando o coração de quem a habita foi trabalhado.

Foi Confúcio quem formulou, num registro que ecoa por toda a humanidade, aquilo que viria a ser chamado de Regra de Ouro, a reciprocidade, não faças ao outro o que não queres que te façam, princípio tão simples e tão universal que reaparece, com outras palavras, em quase todas as tradições éticas desta fogueira. A sua aposta foi na educação como caminho de libertação, na convicção de que ninguém nasce sábio mas qualquer um pode tornar-se nobre de espírito pelo estudo e pela disciplina do caráter, e essa fé democrática no aperfeiçoamento, contra a ideia de que a virtude seria privilégio de berço, faz dele um dos arquitetos mais duradouros da consciência moral oriental, o mestre que ensinou que a ordem do mundo começa no governo de si mesmo.

Mozi

O Amor Imparcial (c. 470 a.C. – 391 a.C.)

Pouco lembrado fora da China, Mozi formulou, no entanto, uma das ideias mais ousadas e mais necessárias de toda a história do pensamento ético, e o fez de forma secularizada, argumentada, quase matemática. Fundador do moísmo, ele propôs o amor universal e imparcial, o Jian'ai, contra o amor parcial que governa, então como agora, os afetos humanos. Sua intuição foi cirúrgica, os conflitos, as guerras e as injustiças do mundo nascem do fato de amarmos apenas os nossos, os de sangue, os de clã, os da nossa tribo, e tratarmos a dor dos de fora como se valesse menos.

Mozi virou essa lógica do avesso e afirmou que a dor de um estranho, de um estrangeiro, de um inimigo, deve ter o mesmo peso ético que a dor de um irmão, porque a parcialidade do afeto é a raiz secreta de toda barbárie organizada. Ele não apelou ao sentimento nem à revelação divina, apelou à razão e à consequência, mostrando que uma sociedade construída sobre o amor imparcial seria mais próspera e mais segura para todos, inclusive para os que dela duvidavam. Em tempos de muros, de fronteiras militarizadas e de indiferença calculada diante do sofrimento dos distantes, a voz de Mozi soa quase insuportável de tão atual, e é por essa coragem de estender o círculo da nossa compaixão para além do nosso próprio sangue, contra todos os instintos tribais da espécie, que ele merece arder nesta fogueira.

Sócrates

A Pergunta (469 a.C. – 399 a.C.)

Sócrates não deixou uma linha escrita, e talvez seja esse o seu maior ensinamento, porque o que ele legou não foi um corpo

de respostas, foi um método de perguntar, a maiêutica, a arte de parir a verdade no outro pela interrogação incansável. Andava pela ágora de Atenas abordando políticos, poetas e generais, e com perguntas aparentemente ingênuas dissolvia as suas certezas, revelando que aqueles que se julgavam sábios nada sabiam de fato, e que ele próprio, o mais sábio dos homens segundo o oráculo, só era sábio por saber que nada sabia. Transferiu a filosofia do céu para a terra, dos astros e dos princípios cósmicos para a única pergunta que de fato importa, como devemos viver.

A sua subversão foi tão profunda que Atenas, a cidade que se gabava de ser a mãe da democracia e do livre pensamento, não a suportou, e condenou-o à morte sob a acusação de corromper a juventude e de não crer nos deuses da cidade. Sócrates teve a chance de fugir, e recusou, bebendo a cicuta com serenidade, porque havia ensinado a vida inteira que é melhor sofrer a injustiça do que cometê-la, e não trairia com a sua morte aquilo que pregara com a sua vida. Coroou assim a sua filosofia com o próprio corpo, transformando a execução em argumento, e fundou para sempre a figura do pensador que paga com a existência a coerência do que pensa. A pergunta socrática, a recusa do conformismo, a coragem da vida examinada, é o coração pulsante deste instrumento inteiro, porque um manual de chamas é, antes de tudo, um convite a parar de aceitar as respostas prontas e a recomeçar, como ele, perguntando.

Diógenes de Sinope

A Lanterna (c. 412 a.C. – 323 a.C.)

D

iógenes morava num barril e andava à luz do dia com uma lanterna acesa, e quando lhe perguntavam o que procurava, respondia que procurava um homem verdadeiro, e não o encontrava. Fundador prático do cinismo, ele encarnou como ninguém a soberania cognitiva radical, a liberdade de quem não deve nada a ninguém porque nada deseja do que o mundo oferece como recompensa pela obediência. Reduziu suas posses ao mínimo absoluto, e nessa pobreza escolhida descobriu uma riqueza que os poderosos não tinham, a de não poder ser comprado, ameaçado ou seduzido por nada.

O episódio mais célebre da sua vida o resume inteiro. Quando Alexandre, o homem mais poderoso do mundo conhecido, o procurou e lhe ofereceu realizar qualquer desejo, Diógenes apenas pediu que ele saísse da frente, pois lhe tapava o Sol, e Alexandre, espantado, teria dito que se não fosse Alexandre gostaria de ser Diógenes. Nessa cena está toda a tese do cinismo, a de que a verdadeira majestade não pertence a quem comanda exércitos, mas a quem não precisa de nada e por isso não se curva diante de nenhum tirano. Diógenes desafiou as convenções vazias da megamáquina urbana com escárnio e com gesto, ensinando que a liberdade real começa na independência material e na coragem de viver segundo a própria razão, ainda que isso signifique ser confundido com um louco. A sua lanterna acesa em pleno dia continua sendo uma das imagens mais corrosivas e mais necessárias da história, porque continuamos, todos nós, procurando o homem verdadeiro, e raramente o encontramos no espelho.

Ashoka, o Grande

O Poder que se Arrepente (c. 304 a.C. – 232 a.C.)

Quase todas as chamas deste manual arderam a partir da margem, do exílio, do cárcere, da cruz ou da fogueira, e por isso Ashoka é uma das mais raras e mais importantes, porque ele ardeu a partir do próprio trono. Imperador Maurya, senhor de quase todo o subcontinente indiano, Ashoka conquistou o reino de Kalinga numa campanha de tamanha brutalidade que, segundo seus próprios éditos, mais de cem mil pessoas morreram e muitas outras foram deportadas, e foi diante desse mar de cadáveres, no auge da sua vitória, que algo nele se quebrou e se converteu.

O que torna Ashoka extraordinário não é o arrependimento, que é comum, é o que ele fez com esse arrependimento, porque transformou o remorso em forma de governo. Renunciou à guerra de conquista, abraçou o dharma, e gravou na rocha, em pilares e éditos espalhados por todo o império, princípios de tolerância entre as crenças, de cuidado com os súditos, com os doentes, com os viajantes e até com os animais, fundando hospitais e poços e plantando árvores ao longo das estradas. Foi o primeiro exemplo documentado de um poder que legisla contra o próprio apetite, de uma soberania que se exerce como serviço e não como predação, e por isso ele responde, sozinho com Marco Aurélio, à pergunta mais incômoda que esta fogueira coloca, a de saber se a luz só pode nascer fora do trono ou se há uma luz possível também no centro. Ashoka prova que há, ainda que rara, ainda que à custa de uma carnificina para aprendê-la, e essa prova é preciosa demais para ficar de fora.

Jesus de Nazaré

O Ágape (c. 4 a.C. – 30 d.C.)

Independentemente de fé ou de descrença, é impossível escrever uma história das maiores consciências da humanidade sem o carpinteiro da Galileia que, em três anos de vida pública, inverteu a lógica de poder do maior império de seu tempo e instituiu uma forma de amor que a língua grega chamaria de ágape, o amor incondicional e desinteressado, que não pede retribuição e não conhece fronteira. Jesus de Nazaré colocou no centro do palco precisamente aqueles que toda sociedade empurra para as margens, os doentes, as prostitutas, os leprosos, os pobres, os estrangeiros, os cobradores de impostos, e declarou que o último seria o primeiro, subvertendo a hierarquia inteira do mundo antigo.

O seu mandamento mais radical não foi amar o próximo, ideia que outras tradições já continham, foi amar o inimigo, oferecer a outra face, romper o ciclo eterno da vingança que move a história dos homens, e nessa exigência quase impossível ele projetou a figura do ser humano como irmão universal, desprovido de status, de raça e de pátria. O Império o crucificou como criminoso político, e a sua execução, longe de apagar a mensagem, tornou-se o seu maior amplificador, porque um homem que perdoa os próprios algozes no instante da morte transforma a tortura em testemunho. Para este instrumento, Jesus é a encarnação mais influente da ideia de que o amor pode ser uma força revolucionária, mais subversiva que qualquer exército, e de que a dignidade do excluído é a verdadeira medida de uma civilização.

Marco Aurélio

A Virtude no Trono (121 d.C. – 180 d.C.)

Marco Aurélio é a segunda das duas chamas que arderam a partir do centro do poder, e a sua é talvez ainda mais improvável que a de Ashoka, porque ele não teve um único momento de conversão diante de uma carnificina, teve uma vida inteira de exercício silencioso da virtude na posição mais corruptora que existe, a de imperador de Roma, dono do mundo conhecido, capaz de ter qualquer coisa e qualquer pessoa com um aceno. Foi nessa posição, à noite, nas campanhas militares, que ele escreveu as *Meditações*, e o detalhe decisivo é que não as escreveu para serem lidas, escreveu para si mesmo, como exercício de governo interior, anotações de um homem tentando, todos os dias, não se tornar um monstro.

O estoicismo de Marco Aurélio não é uma frieza, é uma disciplina da alma diante da impermanência de tudo, a lembrança constante de que somos efêmeros, de que o poder e a glória são fumaça, de que o que nos cabe é cumprir o nosso dever com justiça e sem nos deixarmos possuir pelo que possuímos. Carregava o mundo inteiro nas costas e recusava-se a ser carregado por ele, e essa é a lição mais difícil que esta fogueira oferece, porque é fácil ser íntegro quando nada se tem a perder, e quase impossível quando se tem tudo. A virtude no trono é a forma mais rara e mais necessária da virtude, e o imperador que voltou o poder para dentro, transformando-o em dever em vez de privilégio, prova que a bússola do Trabalho Vivo não aponta para um lugar geográfico, a margem ou o centro, mas para uma decisão interior que permanece aberta a qualquer ser humano, em qualquer posição.

Hipátia de Alexandria

A Razão contra o Fanatismo (c. 360 d.C. – 415 d.C.)

Hipátia foi a maior matemática, astrônoma e filósofa de seu tempo, líder da escola neoplatônica de Alexandria, cidade que ainda guardava os restos da maior biblioteca da Antiguidade, e numa época em que se esperava das mulheres o silêncio e a reclusão, ela ensinava em praça pública a homens que vinham de todo o Mediterrâneo ouvi-la, defendendo a ciência, a geometria e a astronomia como caminhos legítimos para a compreensão do Cosmos e da alma. Era respeitada e consultada pelos poderosos, e a sua autoridade intelectual atravessava as divisões religiosas que então dilaceravam a cidade.

Foi exatamente essa independência da razão crítica diante do dogma que a condenou. Num clima de fanatismo crescente, apanhada na disputa política e religiosa que incendiava Alexandria, Hipátia foi arrastada por uma turba e assassinada com requintes de crueldade, despedaçada por se recusar a submeter o pensamento livre às convenções do seu tempo, por ser mulher, por ser filósofa, por encarnar a serenidade da inteligência num mundo que escolhia a violência da certeza. A sua morte é um dos símbolos mais densos da história, o instante em que o fanatismo assassina a razão e crê, com isso, ter vencido, embora o nome dela tenha sobrevivido por mil e seiscentos anos enquanto o dos seus algozes se perdeu na poeira. Hipátia abre, nesta fogueira, a linhagem dos mártires do conhecimento, e o seu rosto ergue-se ainda hoje como advertência, sempre que uma multidão prefere a fogueira ao argumento.

Hildegard von Bingen

A Mente Criadora (1098 – 1179)

No coração da Idade Média europeia, dentro de uma Igreja governada por homens e estruturada para silenciar as mulheres, uma freira alemã arrancou para si uma autoridade que o seu século julgava impossível, e o fez não com armas nem com herança, mas com o vigor de uma mente que se recusava a caber no espaço que lhe destinavam. Hildegard von Bingen foi abadessa, mística, compositora, naturalista, médica e poeta, uma polímata medieval que escreveu tratados de medicina e de botânica, compôs uma das obras musicais mais originais de toda a Idade Média e correspondeu-se de igual para igual com papas, imperadores e abades, repreendendo-os quando julgava necessário.

As suas visões, que ela registrou em livros iluminados de extraordinária beleza, descreviam o universo como uma teia viva e vibrante, uma criação onde o divino circula por todas as coisas, uma intuição da interconexão cósmica que ecoa Hermes e antecipa Spinoza. Mas é como mente e como criadora que ela arde nesta fogueira, porque preenche uma ausência longa e gritante, a da mulher que não é lembrada apenas pela resistência ou pelo martírio, mas pela potência criadora de uma inteligência transbordante. Hildegard provou, contra todas as muralhas do seu tempo, que o gênio não tem sexo, e que mesmo no século mais inóspito uma mulher podia compor, curar, escrever, governar uma comunidade e contemplar o cosmos, deixando uma obra que oitocentos anos não conseguiram apagar, e que hoje volta a ser ouvida, cantada e estudada como o que sempre foi, a voz de uma das mentes mais completas que a Europa já produziu.

Averróis (Ibn Rushd)

A Ponte da Razão (1126 – 1198)

Quando a Europa cristã havia esquecido Aristóteles, foi no coração do mundo islâmico, na Córdoba luminosa da Andaluzia, que um filósofo, médico e jurista guardou, comentou e devolveu ao mundo o pensamento grego, abrindo sem saber o caminho que desembocaria, séculos depois, no Renascimento e no Esclarecimento. Averróis, ou Ibn Rushd, foi o maior comentador de Aristóteles de toda a Idade Média, a tal ponto que os pensadores europeus o chamavam simplesmente de o Comentador, e os seus escritos, traduzidos para o latim, reacenderam na Europa a chama da filosofia racional que ela própria havia deixado apagar.

A sua tese mais corajosa foi a de que não há contradição entre a razão e a fé, entre a filosofia e a revelação, que ambas são caminhos para a mesma verdade e que a inteligência crítica, longe de ameaçar o sagrado, o ilumina, e por sustentar isso pagou o preço habitual das nossas chamas, o exílio e a queima dos seus livros pelos fundamentalistas de sua própria tradição. Averróis é, no Islã, o que Hipátia foi em Alexandria, a defesa intransigente da soberania da razão contra o dogma, e a sua presença neste instrumento corrige uma injustiça e preenche um vazio, porque uma fogueira que se diz universal não pode ignorar a tradição que preservou a ciência grega, formulou a álgebra e produziu a poesia mística mais traduzida do planeta. Ele é a ponte, o elo que ligou os mundos, e sem ele a própria modernidade ocidental que tanto se orgulha de si mesma teria nascido mais pobre, ou talvez não tivesse nascido.

Rumi

O Amor que Dissolve as Fronteiras (1207 – 1273)

Há um verso de Rumi, conhecido no mundo inteiro, em que ele convida o leitor a encontrá-lo num campo que existe para além das ideias de certo e de errado, um lugar onde até as palavras, ele diz, e a expressão um do outro, e a noção mesma de separação, deixam de fazer sentido. Esse campo é o coração da sua poesia e o motivo de ele ser, ainda hoje, a voz islâmica mais lida e mais amada do planeta, traduzida e recitada por pessoas que nada sabem do sufismo de onde ele veio, porque Rumi fala a uma humanidade anterior a qualquer fronteira de credo, de nação ou de nome.

Poeta e místico persa, fundador inspirador da ordem dos dervixes giradores, Rumi transformou a perda, o luto pela ausência de seu mestre e amigo Shams de Tabriz, na maior poesia amorosa e espiritual de toda a tradição islâmica, demonstrando que a dor pode ser arada como um campo e dar como fruto a compaixão. A sua mensagem central é que o caminho até o divino e até o outro não se faz pela posse, pelo controle ou pela razão fria, mas pela entrega, pela vertigem, pela dissolução do eu separado no amor que tudo une, e que essa entrega, longe de ser fraqueza, é a mais alta das disciplinas. Numa época em que as identidades se fecham em muros e os credos voltam a se armar uns contra os outros, Rumi é a chama que lembra que o amor é o único idioma que todos entendem, e que existe, sim, um campo onde podemos nos encontrar, se tivermos a coragem de atravessar para fora das nossas certezas.

Giordano Bruno

O Mártir do Infinito (1548 – 1600)

Antes que houvesse telescópios capazes de comprová-lo, antes que a ciência tivesse vocabulário para dizê-lo, um frade dominicano italiano olhou para o céu e afirmou o impensável, que o universo é infinito, que não tem centro nem borda, que as estrelas são outros sóis e que há uma pluralidade de mundos, talvez habitados, espalhados por uma imensidão sem fim. Giordano Bruno intuiu, por pura ousadia metafísica, aquilo que séculos de astronomia confirmariam, e recusou reduzir a vastidão do cosmos ao pequeno teatro da Terra e ao pequeno orgulho da humanidade.

Por essa visão, e por não querer abjurá-la, Bruno foi preso pela Inquisição, julgado durante anos e finalmente queimado vivo na praça do Campo de' Fiori, em Roma, no limiar do século XVII, com a língua presa numa mordança para que não pudesse falar às pessoas no caminho até a fogueira. Ele pagou com o fogo literal aquilo que Carl Sagan, quatro séculos mais tarde, poderia enunciar em prosa serena diante de câmeras de televisão, e é por isso que ele ocupa, nesta fogueira, o lugar de elo perdido entre Hipátia e a astronomia moderna, o ancestral que torna o assombro cósmico de Sagan uma herança custosa, e não um espanto isolado. Giordano Bruno é a prova mais nua de que a verdade, às vezes, custa o corpo inteiro, e de que há quem prefira arder a mentir, porque sabe que a chama da fogueira se apaga, mas a da ideia não.

Baruch Spinoza

Deus, ou a Natureza (1632 – 1677)

Spinoza foi excomungado de sua própria comunidade aos vinte e quatro anos, expulso com uma das maldições mais duras já registradas, e em vez de se curvar ou de buscar abrigo numa outra fé, escolheu uma terceira via, a da liberdade absoluta do pensamento, recusando pensões reais e cargos prestigiosos para sobreviver polindo lentes de vidro, ofício humilde que lhe permitia pensar sem dever satisfações a ninguém. Dessa independência radical nasceu uma das filosofias mais vertiginosas de toda a história, o monismo, a tese de que não há duas realidades, Deus de um lado e a Natureza do outro, mas uma única substância infinita, Deus sive Natura, Deus ou a Natureza, que é tudo o que existe.

A consequência dessa visão é avassaladora e libertadora, porque se tudo é uma só substância, então cada ser, cada coisa, cada pensamento é um modo dessa realidade única, e estamos todos profundamente, organicamente interconectados, fios do mesmo tecido infinito. A liberdade humana, para Spinoza, não está em escapar dessa rede, mas em compreendê-la, em conhecer afetivamente o nosso lugar no Todo, transformando as paixões que nos escravizam em entendimento que nos serena. Ele formulou, com rigor geométrico, aquilo que os místicos haviam apenas pressentido, a unidade viva do real, e fê-lo sem renunciar à razão, o que o torna uma das pontes mais preciosas desta fogueira, o lugar onde o assombro de Hermes e de Rumi encontra a clareza de Sócrates e de Kant. Spinoza é a chama serena do pensador que perdeu a comunidade e ganhou o universo inteiro.

Zumbi dos Palmares

A Liberdade Inegociável (1655 – 1695)

No Brasil colonial, no coração da maior empresa escravista que as Américas conheceram, ergueu-se por quase um século uma das mais extraordinárias experiências de liberdade da história moderna, o Quilombo dos Palmares, uma comunidade de milhares de pessoas que haviam fugido da escravidão e que organizaram, nas matas de Alagoas, uma sociedade baseada no comum, na autodeterminação e na recusa absoluta de voltar a ser propriedade de alguém. Zumbi foi o último e o maior dos seus líderes, nascido livre em Palmares, capturado e criado entre os colonizadores, e que aos quinze anos fugiu para retornar à terra dos seus e defendê-la até o fim.

Zumbi recusou inclusive os acordos de paz que lhe ofereciam liberdade pessoal em troca da submissão dos demais, porque entendia, com uma clareza ética que envergonha séculos de filosofia, que uma liberdade que não é de todos não é liberdade nenhuma, é privilégio. Resistiu por anos aos exércitos coloniais, e quando Palmares finalmente caiu, traído e cercado, preferiu morrer lutando a aceitar a escravidão, inscrevendo na história brasileira, com o próprio sangue, a premissa que este instrumento celebra, a de que a dignidade e o corpo do ser humano jamais podem ser reduzidos a mercadoria, a objeto, a recurso de exploração. A sua cabeça foi exposta em praça pública para aterrorizar quem sonhasse com a liberdade, e o efeito foi o inverso, porque trezentos anos depois Zumbi é farol e não escarmento, e a data de sua morte tornou-se, no Brasil, o dia da consciência. Ele é a chama acesa contra a maior das barbáries, a de transformar gente em coisa.

Immanuel Kant

Ousa Saber (1724 – 1804)

Kant nunca saiu da sua cidade natal, e dizem que os vizinhos acertavam os relógios pela hora exata de suas caminhadas, e no entanto foi essa mente metódica e aparentemente pacata que formulou o grito de guerra de toda a era moderna, o Sapere aude, ousa saber, ousa servir-te do teu próprio entendimento. Para Kant, a humanidade vivia numa menoridade que ele chamava de culpada, não porque lhe faltasse inteligência, mas porque lhe faltava a coragem de usá-la sem a tutela de outros, e o esclarecimento, o Aufklärung, era exatamente a saída do ser humano dessa imaturidade autoimposta, o ato de assumir a responsabilidade de pensar por si mesmo.

A sua segunda contribuição decisiva foi o imperativo categórico, e dentro dele a fórmula que se tornou a base filosófica de toda a noção moderna de direitos humanos, a de tratar a humanidade, em si mesmo e nos outros, sempre como um fim, e jamais apenas como um meio, jamais como um instrumento, um recurso ou um objeto. Está aí, condensado, o princípio que separa a civilização da barbárie, porque toda exploração, toda escravidão, toda crueldade começa no instante em que um ser humano passa a ser visto como meio para o fim de outro. Kant deu a esse princípio uma fundamentação racional e universal, válida para qualquer ser dotado de razão em qualquer lugar do universo, e nisso ele converge com Mozi, com Jesus e com Zumbi, ainda que por um caminho inteiramente diverso. A sua chama é a da maioria, o convite austero e exigente a deixar de ser conduzido como rebanho e a assumir, enfim, o peso e a glória de pensar.

Henry David Thoreau

A Desobediência (1817 – 1862)

Thoreau retirou-se por dois anos para uma cabana à beira do lago Walden, construída com as próprias mãos, não por misantropia, mas para realizar um experimento existencial, viver de forma deliberada, reduzir a vida ao essencial e descobrir, na simplicidade, uma riqueza que o consumismo crescente da sua época já começava a soterrar. Queria, dizia ele, sugar todo o tutano da existência, e provar que um ser humano precisa de muito pouco para viver bem, e de quase nada além de tempo, silêncio e pensamento para viver com profundidade. Desse experimento nasceu *Walden*, um dos textos fundadores de toda consciência ecológica moderna.

Mas a sua contribuição mais explosiva veio de outra recusa. Quando se negou a pagar um imposto que financiava a escravidão e uma guerra que considerava injusta, e foi preso por isso, Thoreau formulou o conceito de desobediência civil, a ideia de que o indivíduo tem o dever moral de colocar o próprio corpo como atrito contra a máquina do Estado quando as suas leis são injustas, de que há um momento em que obedecer é cumplicidade e desobedecer é a única forma de permanecer humano. Esse pequeno ensaio, escrito por um homem que passou uma única noite na cadeia, tornou-se uma das sementes mais férteis da história, inspirando diretamente Tolstói, e através dele Gandhi, e através de Gandhi os movimentos pelos direitos civis e tantas outras lutas. Thoreau é a chama que ligou a vida interior simplificada à coragem cívica, provando que a desobediência à injustiça pode ser o mais alto dos deveres.

Walt Whitman

O Poeta Cósmico (1819 – 1892)

Whitman escreveu um único livro a vida inteira, e passou a vida inteira reescrevendo-o, expandindo-o, deixando-o crescer como cresce uma planta, e esse livro, Folhas de Relva, é um dos cantos mais largos e mais generosos que a humanidade já entoou a si mesma. Nele, o poeta celebra o corpo e a alma com igual reverência, recusa-se a separar o sagrado do carnal, abraça a multidão democrática inteira, o operário e o presidente, a prostituta e o pregador, o escravo fugido e o soldado, e neles todos enxerga a mesma centelha cósmica, a mesma divindade espalhada. Eu sou vasto, escreveu ele, eu contendo multidões, e nessa frase está a sua teologia inteira, a de uma humanidade que é, ela própria, plural e infinita.

Whitman é a ponte que faltava nesta fogueira entre o místico medieval e o cientista do espanto, porque ele é o poeta moderno da afirmação cósmica, o homem que olhou para uma folha de relva e enxergou nela o trabalho das estrelas, que sentiu a fraternidade não como dever moral, mas como êxtase, como percepção direta de que estamos todos feitos da mesma matéria e ligados pelo mesmo fôlego. Não por acaso foi nele que Richard Maurice Bucke, ao escrever sobre a consciência cósmica, encontrou o seu exemplo vivo supremo, o homem em quem aquela terceira faculdade da mente, a percepção da unidade viva do universo, parecia ter florescido por inteiro. A chama de Whitman é a do amor que se derrama sobre tudo o que existe sem pedir mérito nem pureza, a celebração de um cosmos que não exclui nada, e que canta, através do poeta, a própria glória de existir.

Harriet Tubman

A Convicção em Ação (c. 1822 – 1913)

Harriet Tubman nasceu escravizada e conquistou a própria liberdade fugindo sozinha pela noite, guiando-se pelas estrelas rumo ao norte, e poderia ter parado ali, livre enfim, vivendo em segurança o resto dos seus dias. Não parou. Voltou ao sul profundo dos Estados Unidos, ao território da escravidão de onde acabara de escapar, não uma vez, mas cerca de treze vezes, arriscando a captura, a tortura e a morte a cada viagem, para conduzir à liberdade dezenas e dezenas de homens, mulheres e crianças através da rede clandestina conhecida como Estrada de Ferro Subterrânea.

Carregava um revólver, e contava-se que o apontava tanto para os caçadores de escravos quanto para os fugitivos que, exaustos e apavorados, pensavam em desistir e voltar, dizendo-lhes que seriam livres ou morreriam, porque um que voltasse poderia entregar a rota e condenar todos os outros. Nunca perdeu um único dos que guiou, e por isso era chamada de Moisés do seu povo. Mais tarde serviu como espiã e batedora durante a Guerra Civil, e depois lutou pelo direito de voto das mulheres, fundindo numa vida só, em estado puro, a convicção ética e a ação física libertadora, sem o luxo da teoria, sem o conforto do gabinete. Harriet Tubman é a chama da coragem encarnada, a prova de que algumas pessoas, tendo escapado do inferno, escolhem voltar a ele repetidamente para arrancar de lá os que ficaram, assumindo em nome de todos o direito inalienável da humanidade à liberdade, ainda que ao preço da própria vida.

Liev Tolstói

A Renúncia (1828 – 1910)

Tolstói foi o maior romancista de seu tempo, autor de Guerra e Paz e de Anna Kariênina, aristocrata rico e mundialmente célebre, e poderia ter envelhecido coberto de glória, repousando sobre uma obra que já o imortalizara. Mas no auge do reconhecimento foi tomado por uma crise espiritual devastadora, uma pergunta que não o largava, a de saber qual o sentido de uma vida que a morte iguala a todas as outras, e dessa crise nasceu uma segunda existência, na qual ele renunciou progressivamente à riqueza, ao prestígio e ao próprio orgulho de escritor para buscar uma vida de simplicidade radical e de coerência ética.

Dessa busca veio uma ética cristã despida de Igreja e de Estado, centrada na não-resistência ao mal pela força, na recusa absoluta da violência mesmo contra a violência, que ele formulou em *O Reino de Deus Está em Vós*, livro que se tornou a semente direta do método de Gandhi, com quem se correspondeu. Tolstói é, portanto, o elo vivo desta fogueira, aquele que conduz a desobediência de Thoreau até a libertação da Índia, a charneira por onde a ideia atravessa continentes e séculos. Mas ele importa também por uma razão mais íntima e mais humana, porque a sua renúncia foi áspera, contraditória, incompleta, um aristocrata em fuga de si mesmo que morreu numa estação de trem qualquer, tentando até o fim abandonar tudo o que era. Nessa contradição há uma verdade que nenhum santo de gesso ofereceria, a de que a renúncia ao privilégio é a mais difícil de todas as travessias, e que mesmo os gigantes a fazem tropeçando.

Mahatma Gandhi

A Força da Verdade (1869 – 1948)

Gandhi pegou conceitos que dormiam há milênios na tradição ascética da Índia, a não-violência, o Ahimsa, e a força da verdade, o Satyagraha, e fez com eles algo que ninguém havia feito, transformou-os em ferramenta de libertação política de massas, em estratégia concreta capaz de derrubar o maior império da história sem disparar um tiro. Provou, diante de um mundo que só conhecia a linguagem das armas, que um povo inteiro pode resistir à opressão recusando-se a colaborar com ela, sofrendo a violência sem revidá-la, e que essa recusa, mantida com disciplina por milhões de pessoas, é mais poderosa que qualquer exército.

A sua intuição mais profunda, e a mais difícil de praticar, foi a de que não se pode combater a barbárie adotando as armas da barbárie, porque quem usa os métodos do opressor torna-se, mais cedo ou mais tarde, um novo opressor, e que o tecido da humanidade é um só, de modo que ferir o adversário é ferir a si mesmo. Gandhi não foi um santo perfeito, teve contradições e zonas de sombra que a história honesta não esconde, mas a sua demonstração de que a não-violência ativa pode mover montanhas reescreveu o repertório das lutas humanas e inspirou movimentos pela liberdade em todos os continentes. Assassinado por um fanático justamente por pregar a reconciliação entre religiões que se odiavam, ele morreu como viveu, e a sua chama é a prova histórica, concreta, mensurável, de que a verdade desarmada pode vencer a força armada, se houver coragem suficiente para sofrer sem revidar.

Viktor Frankl

A Busca de Sentido (1905 – 1997)

Viktor Frankl era um jovem psiquiatra vienense quando foi deportado para os campos de extermínio nazistas, onde perdeu os pais, o irmão e a esposa grávida, e onde viveu, no extremo absoluto do horror humano, o experimento mais brutal que se possa imaginar sobre a resistência do espírito. Em Auschwitz, despojado de tudo, do nome, dos cabelos, da roupa, da dignidade, reduzido a um número tatuado, ele observou em si mesmo e nos outros uma verdade que se tornaria o centro de toda a sua obra, a de que mesmo quando tudo é arrancado de um ser humano, resta-lhe ainda a última das liberdades, a de escolher a atitude com que enfrentará o seu destino.

Frankl percebeu que os que sobreviviam ao inferno não eram necessariamente os mais fortes de corpo, mas os que conservavam um porquê, um sentido, uma tarefa inacabada ou uma pessoa amada à espera, algo fora de si mesmos pelo qual valesse a pena suportar o insuportável, e fundou sobre essa observação a logoterapia, a terapia pelo sentido. A sua tese, comprovada na fisiologia extrema do campo, é que a principal força motriz do ser humano não é o prazer nem o poder, mas a busca de sentido, e que esse sentido nos protege da destruição interior quando está organicamente ligado a uma missão ou a um para-quem que nos transcende. Frankl é a chama acesa no fundo da noite mais escura da história, a prova viva de que o ser humano pode ser privado de tudo, menos da liberdade de dar significado ao seu próprio sofrimento, e de que essa liberdade é, talvez, a mais inviolável de todas.

Simone Weil

A Atenção como Oração (1909 – 1943)

Simone Weil é a mulher como mente em estado puro, a pensadora que se recusou a separar o que pensava do que vivia e que pagou por essa recusa com o próprio corpo. Filósofa brilhante, formada entre os melhores da França, poderia ter levado uma vida confortável de intelectual, e em vez disso foi trabalhar como operária numa fábrica para conhecer na carne a condição dos explorados, ofereceu-se como combatente na Guerra Civil Espanhola, e fez da solidariedade com os que sofrem não uma teoria, mas uma prática literal, levada ao limite extremo.

Definiu a atenção como a mais rara e a mais generosa das faculdades humanas, quase uma forma de oração, a capacidade de esvaziar-se de si mesmo para receber inteiramente a realidade do outro, e formulou o conceito de malheur, a desgraça que não apenas fere, mas esvazia o ser, que desfaz a pessoa por dentro. Recusou o que chamava de o Grande Animal, o ídolo coletivo, a multidão, a nação, o partido que devora a consciência individual e dispensa cada um de pensar por si, e essa recusa a torna uma das vozes mais lúcidas contra todos os totalitarismos. Morreu aos trinta e quatro anos, em parte por se recusar a comer mais do que comiam os seus compatriotas sob a ocupação alemã, fundindo de modo absoluto e quase insuportável o pensamento e a vida, a ética e o corpo. Se esta fogueira tivesse de eleger uma única chama que encarnasse por inteiro o Trabalho Vivo da mente e do coração, talvez fosse a dela, a mulher que pensou com tamanha verdade que não conseguiu sobreviver à própria coerência.

Nelson Mandela

O Perdão como Força (1918 – 2013)

Mandela passou vinte e sete anos numa prisão, grande parte deles quebrando pedras numa ilha, condenado por lutar contra um regime que tratava a maioria do seu povo como sub-humana, e quando saiu, tendo todo o direito histórico e moral de exigir vingança, tendo um país inteiro à beira da guerra civil esperando o seu sinal, ele fez a escolha mais difícil e mais improvável de todas, a do perdão e da reconciliação. Recusou a lógica da retaliação, recusou tornar-se o espelho dos seus algozes, e essa recusa desarmou uma nação que parecia condenada a um banho de sangue.

A sua grandeza não está apenas na resistência heroica de antes do cárcere, está sobretudo no que fez depois, quando teve o poder nas mãos, porque foi então que provou, ao lado de Ashoka e de Marco Aurélio, que a luz pode nascer também do centro, que quem chega ao poder pode escolher construir o comum em vez de saquear. Ergueu a nova África do Sul sobre o conceito africano do ubuntu, eu sou porque nós somos, a ideia de que a minha humanidade está entrelaçada com a tua e que não me realizo te diminuindo, e essa filosofia tornou-se a base de uma transição que o mundo julgava impossível. Mandela é a chama contemporânea que mais diretamente responde à pergunta mais incômoda deste instrumento, a de saber se há virtude possível no poder, e a sua resposta, pago o preço de quase três décadas de cárcere, é que a maior das forças não está em derrubar o opressor, mas em recusar tornar-se ele.

Paulo Freire

A Pedagogia da Liberdade (1921 – 1997)

Paulo Freire descobriu, ainda jovem, no nordeste brasileiro, que ensinar adultos a ler não era o mesmo que enchê-los de informação, e que o modo como se ensina pode tanto libertar quanto aprisionar. Contra o que chamou de educação bancária, aquela em que o professor deposita conteúdos na cabeça do aluno como quem deposita dinheiro num cofre, tratando a mente humana como recipiente vazio e passivo, ele propôs uma educação como prática da liberdade, em que ensinar e aprender são um diálogo entre sujeitos, e em que aprender a ler a palavra é, ao mesmo tempo, aprender a ler o mundo.

A sua intuição revolucionária foi a de que a alfabetização das classes oprimidas não é um ato técnico, mas um ato político, porque quando um ser humano antes silenciado adquire a capacidade de nomear a própria realidade, de dizer com palavras a injustiça que sofre, ele deixa de ser objeto da história e começa a tornar-se sujeito dela. Freire chamou a esse despertar de conscientização, e fez dele um método que alfabetizava trabalhadores em poucas semanas usando as palavras da sua própria vida, e por isso foi preso e exilado, porque nada assusta mais o poder do que os antes mudos descobrindo a voz. A sua pedagogia, hoje estudada no mundo inteiro, é a chama da descolonização da mente, a prova de que a educação verdadeira não doma nem adestra, mas liberta, e de que ninguém liberta ninguém sozinho, os seres humanos se libertam em comunhão, mediatizados pelo mundo.

Carl Sagan

O Pó das Estrelas (1934 – 1996)

Carl Sagan foi o cientista que devolveu à humanidade o assombro, que pegou o rigor frio da astronomia e o aqueceu com poesia e com responsabilidade ética, traduzindo a imensidão incompreensível do cosmos em termos que tocavam o coração de qualquer pessoa. Foi ele quem popularizou a ideia de que somos, literalmente, feitos de pó de estrelas, que o cálcio dos nossos ossos, o ferro do nosso sangue, o carbono de cada célula nossa foram forjados no interior de estrelas que explodiram muito antes de a Terra existir, de modo que cada ser humano é, num sentido exato e não metafórico, o universo feito consciência.

A sua imagem mais célebre nasceu de um pedido seu, o de virar a câmera de uma sonda distante de volta para a Terra, que apareceu então como um pálido ponto azul, um grão de poeira suspenso num raio de sol, e diante dessa imagem minúscula Sagan formulou uma das meditações mais comoventes do século, a de que tudo o que amamos, toda guerra, todo império, todo sofrimento e toda glória da história humana aconteceram naquele ponto quase invisível, e de que essa pequenez deveria nos ensinar humildade e o dever sagrado de cuidarmos uns dos outros e do único lar que temos. Sagan é a chama que une a ciência e o espírito sem confundi-los, herdeira de Hipátia e de Giordano Bruno mas livre para falar sem medo da fogueira, e a sua mensagem é a de que somos a antena preciosa pela qual o próprio Cosmos se observa e se admira, e que perder isso, por descuido ou por ódio, seria a mais imperdoável das tragédias.

Wangari Maathai

Plantar como Resistência (1940 – 2011)

Wangari Maathai foi a primeira mulher da África Oriental e Central a obter um doutorado, e poderia ter ficado na universidade, respeitada e segura, mas escolheu um gesto ao mesmo tempo humilde e revolucionário, plantar árvores. Fundou no Quênia o Movimento Cinturão Verde, e o que começou como um esforço para recuperar florestas devastadas e devolver às mulheres rurais o controle sobre a água e o solo de que dependiam tornou-se um dos movimentos ambientais e democráticos mais importantes do continente, responsável pelo plantio de dezenas de milhões de árvores.

Mas plantar uma árvore, num regime autoritário que vivia da destruição predatória da terra e da concentração do poder, revelou-se um ato profundamente político, e Maathai foi presa, espancada e perseguida por enfrentar tanto o desmatamento quanto a corrupção que o sustentava, recusando-se a separar a defesa da natureza da defesa da democracia e dos direitos das mulheres. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz, o primeiro concedido a alguém por trabalho ambiental, num reconhecimento de que cuidar da terra e cuidar da paz são, no fundo, a mesma luta. Maathai é a chama que ergue a África contemporânea para além da via quilombola e do legado de Mandela, e que prova, com as mãos na terra, que a resistência mais profunda às vezes não grita nem incendeia, apenas cava um buraco, deposita uma semente e cuida, com paciência teimosa, de que ela vire floresta, e que esse gesto miúdo, multiplicado por milhões, pode reflorestar não só uma nação, mas uma esperança.

Chico Mendes

A Floresta em Pé (1944 – 1988)

Chico Mendes era seringueiro no Acre, na Amazônia profunda, e aprendeu a ler já adulto, tarde, com a ajuda de um velho militante exilado na floresta, e foi dessa floresta, do trabalho de extrair o látex das seringueiras sem derrubá-las, que ele tirou uma das ideias mais avançadas da consciência ecológica mundial, a de que a Amazônia vale mais em pé do que no chão, viva do que morta, e que defender a floresta e defender os povos que dela vivem são a mesma e única causa.

Organizou os seringueiros nos chamados empates, ações coletivas e pacíficas em que homens, mulheres e crianças se postavam diante das motosserras e dos tratores para impedir, com os próprios corpos, a derrubada das matas, e dessa luta nasceu a proposta das reservas extrativistas, áreas onde a floresta é preservada justamente porque é habitada e usada de forma sustentável por quem sempre viveu nela. Chico Mendes uniu, antes que o mundo tivesse vocabulário para isso, a justiça social e a defesa do planeta, a causa dos pobres da floresta e a causa do clima de toda a humanidade, e por isso virou alvo, e por isso foi assassinado à porta de casa, diante da família, pela bala dos que enriquecem destruindo. A sua morte, longe de apagá-lo, projetou a Amazônia no centro da consciência mundial, e a sua chama, acesa às margens dos rios e sob a copa das árvores, é a de quem entendeu, na carne, que não há futuro humano possível numa terra arrasada, e que vale a pena morrer de pé defendendo o que precisa ficar de pé.

Ailton Krenak

Adiar o Fim do Mundo (1953 – presente)

Ailton Krenak é um pensador indígena que confronta de frente o ecocídio da civilização contemporânea, e o faz com uma serenidade desconcertante e com frases que desmontam, em poucas palavras, séculos de pressupostos que tomávamos por evidentes. Quando ele declara que a vida não é útil, está atacando o coração mesmo da lógica que reduz a natureza, e o próprio ser humano, a recurso explorável, a matéria-prima, a capital, e está propondo que a existência tem valor por si, fora de qualquer planilha, e que essa gratuidade é precisamente o que o mercado não consegue compreender e por isso destrói.

A sua formulação mais luminosa, a de que somos a natureza sonhando humanidade, inverte toda a soberba da modernidade, que se imaginava acima e à parte do mundo natural, e nos devolve à condição de fios de uma teia viva, sonho de uma terra que sonha, e não senhores de um planeta-coisa à nossa disposição. Krenak resgata a urgência do cuidado coletivo e propõe a arte, o afeto, o sonho e a ancestralidade não como ornamentos, mas como ferramentas rituais para, segundo a sua bela expressão, adiar o fim do mundo, porque o fim, ele lembra, já chegou muitas vezes para muitos povos, e a tarefa não é evitar uma catástrofe futura e abstrata, mas resistir, encantar e adiar, dia após dia, o desabamento que já está em curso. A sua chama é a das culturas que a civilização tentou apagar e não conseguiu, e que hoje voltam para ensinar ao mundo, talvez tarde demais, talvez ainda a tempo, como se habita a Terra sem devorá-la.

Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo

A Confluência (1959 – 2023)

Nego Bispo foi um líder quilombola do Piauí e um pensador inteiramente original, formado não nas universidades mas no saber orgânico da terra e da comunidade, e que mesmo sem os títulos do mundo acadêmico produziu uma das mais agudas críticas à colonização da mente que o Brasil já conheceu. Defendeu a soberania cognitiva dos povos, a ideia de que cada comunidade tem o direito e a capacidade de pensar a partir de si mesma, do seu próprio chão, da sua própria memória, em vez de copiar os modos de pensar que lhe foram impostos como se fossem os únicos possíveis ou os superiores.

Cunhou o conceito de confluência, a imagem dos rios que se encontram e se misturam sem que nenhum precise deixar de ser o que é, contra a lógica colonial do sincretismo forçado e da assimilação que apaga as diferenças, e ensinou que o pensamento livre é o que nos resgata da condição de periferia existencial, da crença humilhante de que o centro do mundo e da verdade está sempre em outro lugar, longe de nós. A sua frase mais bela e mais subversiva, num mundo que trata o conhecimento como propriedade privada a ser acumulada e vendida, é a de que quando você compartilha o saber, o saber só cresce, afirmação que inverte toda a economia da escassez e revela uma economia da abundância, em que dar não empobrece, multiplica. Nego Bispo encerra esta fogueira como uma das suas chamas mais recentes e mais necessárias, a do pensador da margem que nos lembra que a margem nunca foi periferia, que ela sempre foi, ela também, um centro, e que a libertação começa quando paramos de pedir licença para pensar.

O Fio de Prata Civilizatório

O que une figuras tão distantes no tempo e no espaço, um faraó egípcio e um seringueiro do Acre, um imperador romano e uma operária francesa, um escravizado de Palmares e um filósofo de Córdoba, é o fato de terem todos exercido o Trabalho Vivo da mente e do coração. Nenhum deles aceitou os atalhos fáceis da obediência cega, do conformismo confortável, do pensamento emprestado, e cada um, por meio do exemplo e da palavra, forjou uma bússola para que a humanidade recordasse o que ela realmente é quando se livra de suas muletas e de suas prisões históricas.

Há, nesta fogueira, uma tensão que ela não esconde, e que vale dizer em voz alta. A esmagadora maioria destas chamas ardeu a partir da margem, foram exilados, escravizados, perseguidos, crucificados, queimados, assassinados à porta de casa, deixados morrer de fome, como se a luz só pudesse nascer fora do trono e longe do poder. Esse padrão é tão forte que quase se torna uma tese, a de que o poder é estruturalmente incompatível com a consciência desperta, a de que quem governa já traiu. E no entanto, contra esse veredito fácil, erguem-se três nomes que recusam deixá-lo virar preconceito, Ashoka, que converteu o remorso de uma carnificina em forma de governo, Marco Aurélio, que voltou para dentro o maior poder do seu tempo e fez dele dever, e Mandela, que tendo todo o direito de se vingar escolheu construir o comum. Os três provam que mesmo no centro, no lugar de maior corrupção possível da alma, ainda é dado ao ser humano voltar a força para dentro e fazer dela serviço.

A bússola, portanto, não aponta para um lugar geográfico, a margem ou o centro, o cárcere ou o palácio. Ela aponta para uma decisão interior, e essa decisão permanece aberta a qualquer um, em qualquer posição, em qualquer época, inclusive na sua. Siddhartha era um príncipe e Harriet Tubman nasceu escravizada, e ambos despertaram. Spinoza foi excomungado e Marco Aurélio coroado, e ambos arderam. O que se exige não é uma origem, é uma travessia.

E é aqui que este pequeno livro entrega a sua única verdade, a mesma que já estava no título e que só agora pode ser entendida. Não há manual, porque a vida não se executa, se vive, e ninguém pode viver por você. Estes seres não vieram para te poupar a caminhada, vieram para provar que a caminhada existe e que vale a pena. Eles seguraram a lanterna acesa no escuro para que você enxergasse, não o caminho pronto, mas o fato de que se pode caminhar. O resto, o passo, a coragem, a recusa de dormir, a decisão de arder em vez de apenas queimar, isso nenhum farol acende por você.



A chama é você.



Sobre esta fagulha

O *Manual de Chamas* é uma pequena lanterna acesa ao lado dos **Ensaaios do Silêncio**, livro no prelo em que Hans Free investiga, em prosa de busca, por que o ser humano adormece diante das próprias perguntas, e o que é preciso para despertar.

Hans Free é o nome sob o qual escreve Andrey Mozzer.

Outros ensaios, poemas e fragmentos, e o caminho do livro, em:

andreymozzer.com

“É de um homem para o outro que se passa o pão celestial de ser o si mesmo.” — Buber